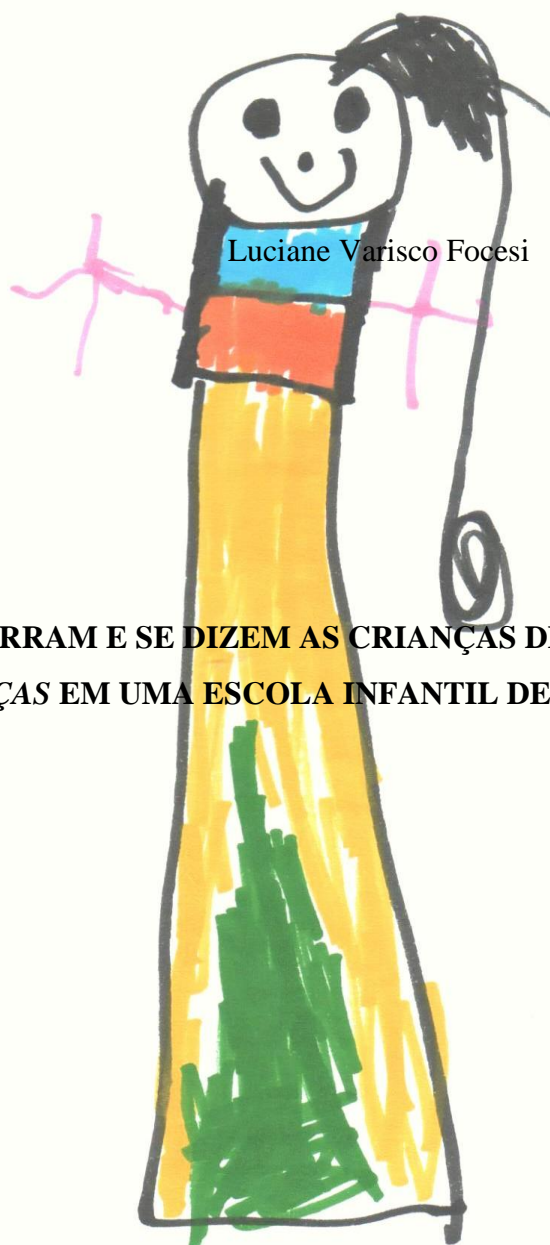


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL-
UFRGS/MEC



**COMO SE NARRAM E SE DIZEM AS CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS SOBRE O *SER*
CRIANÇAS EM UMA ESCOLA INFANTIL DE NOVO HAMBURGO.**

Porto Alegre

2014

Luciane Varisco Focesi

**COMO SE NARRAM E SE DIZEM AS CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS SOBRE O *SER*
CRIANÇAS EM UMA ESCOLA INFANTIL DE NOVO HAMBURGO.**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Docência em Educação
Infantil do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul/MEC

Orientadora: Dr. Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTO

Às crianças envolvidas na pesquisa, que me possibilitaram adentrar e compreender a importante produção e construção da cultura infantil.

À professora Leni Vieira Dornelles, minha orientadora, por sempre estar disponível durante o período de orientação, compartilhando suas aprendizagens e indicando caminhos.

Aos professores do Curso de Especialização em Docência em Educação Infantil, por provocarem inquietações, desejos e ensinamentos, mostrando o quanto vale a pena acreditar em uma Educação Infantil de qualidade para todas as crianças.

Às minhas amigas de idas e vindas de “Novo Hamburgo - Porto Alegre” e de muitas discussões, reflexões, risadas e desabafos: Raquel, Leda e Jana pelo carinho e pela amizade que construímos ao longo do curso. E também as colegas queridas Ariane, Milene e Ale, pela parceria e acolhida.

Aos meus familiares: pai, mãe, Didi, Mano e Lê, que colaboraram muito acolhendo minhas filhas nos momentos de intenso estudo e ausência.

E, de forma muito especial, ao Fábio, à Pietra e à Tata, razão do meu viver, pelo amor, pelo entusiasmo e pelo encorajamento, acreditando que seria possível mais esta conquista.

A todos vocês, muito obrigada!

“Tenho o privilégio de não saber tudo.”

Manoel de Barros

RESUMO

Pesquisar com crianças significa abrir possibilidades, pensar o novo e o inusitado. Estar atento à sutileza das relações e do convívio. Participar de uma experiência significativa de aprendizagem. A partir da instigante premissa de realizar pesquisa com crianças, este estudo buscou investigar de que maneira as crianças entre 4 e 5 anos de uma escola infantil do município de Novo Hamburgo, se narram e se dizem sobre o ser crianças. Ao observar-se que a educação das crianças tem passado por significativas mudanças ao longo dos últimos séculos, também se entende que a educação da infância pouco escuta as crianças, pois, o que se diz sobre elas, sobre o que gostam e o que compreendem das coisas do mundo, muitas vezes, logo é esquecido. O que as crianças pensam que é “ser” criança? Como se dizem criança? Como se narram? Quais culturas são apontadas em suas conversas? Buscando responder a essas questões, a pesquisa volta-se para *ouvi-las* sobre o que pensam *ser criança*. Para tanto, busquei, na etnografia pós-moderna de pesquisa com crianças, a metodologia que pesquisa com crianças, e não sobre as crianças, com vistas a reconstruir as narrativas de seu cotidiano, bem como verificar como as crianças se constituem, ao lado da pesquisadora, autoras da própria investigação. A partir das questões estabelecidas e das leituras realizadas, pretende-se escutar, no sentido de refletir e compreender os discursos que os infantis têm sobre si mesmos, a respeito do *ser criança*. Buscarei apoio em autores da sociologia da infância, como Sarmiento (2007, 2009), Corsaro (2002, 2009), Tomás (2012), Fernandes (2012), Dornelles (20010, 2012), Muller (2010), Meyer e Paraíso (2012), Andrade (2012), Larrosa (1994). Assim, o Trabalho de Conclusão de Curso buscará considerar a “voz” das crianças, a partir das narrativas de si, ou seja, o que revelam sobre as culturas infantis que se enunciam no espaço escolar, considerando as crianças como atores sociais.

Palavras-Chave: Brincadeiras. Culturas. Infâncias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gabriel - o que é ser criança?.....	30
Figura 2- Nicole - o que é ser criança?	31
Figura 3 - Thais – O que é ser criança?	32
Figura 4 - Luíza – o que ser criança?.....	33
Figura 5 - Luíza - o que é ser criança?.....	33
Figura 6 - Nicolás - Eu gosto de brincar de carrinho.....	34
Figura 7 - César – o que é ser criança?	35
Figura 8 - Júlia - o que é ser criança?	35
Figura 9 - João – o que é ser criança?.....	38
Figura 10 - Victória – o que é ser criança?	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JEITOS/ MODOS DE SER CRIANÇA HOJE.....	10
2.1 INFÂNCIA E CRIANÇAS: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA.....	10
2.2 A INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA: NOVOS TERRITÓRIOS, NOVAS INVENÇÕES	14
3 TEMPOS E ESPAÇOS DAS INFÂNCIAS: DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE	17
3.1 O QUE É SER CRIANÇA: DISCUTINDO A REPRESENTAÇÃO GERACIONAL.....	17
3.2 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: ELEMENTOS REPRESENTATIVOS DA VIDA SOCIAL.....	19
3.3 A CRIANÇA QUE CONSTRÓI CULTURA	21
4 PERCURSO METODOLÓGICO	24
4.1 METODOLOGIAS INVESTIGATIVAS COM CRIANÇAS	24
4.2 ALGUMAS ESCOLHAS: COMO ESCUTAR A VOZ DAS CRIANÇAS?.....	27
5 O QUE NARRAM E DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE O SER CRIANÇAS: ANALISANDO E DISCUTINDO OS DADOS E ACHADOS DA PESQUISA	29
5.1 BRILHANTE VITÓRIA: O QUE DIZEM SOBRE SEUS PROGRAMAS DE TV	31
5.2 SOBRE UMA CATEGORIA GERACIONAL.....	32
5.3 O ESTAR COM OUTRO.....	34
5.4 CULTURA LÚDICA.....	36
5.5 SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO	37
5.6 QUEM É PEQUENO TOMA MAMADEIRA, EU NÃO TOMO MAIS.	37
5.7 ENTRE UNHAS PINTADAS, MAQUILAGENS E BLUSH	38
6 AO INVÉS DE CONCLUIR, CONTINUAR.....	40
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	47

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar com crianças significa abrir possibilidades, pensar o novo e o inusitado. Estar atento à sutileza das relações e do convívio. Participar de uma experiência significativa de aprendizagem.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, pré-requisito para a obtenção do título de especialista, investigo “como se narram e se dizem as crianças de 4 a 5 anos sobre o *ser crianças* em uma escola infantil de Novo Hamburgo”. A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal Infantil do município de Novo Hamburgo com crianças de 4 e 5 anos. A fim de realizar tal investigação, tratei dos conceitos de infância, criança, culturas infantis e escuta sensível.

Ao observar que a educação das crianças tem passado por significativas mudanças ao longo dos últimos séculos, entende-se que a educação da infância pouco escuta as crianças, pois o que se diz sobre elas, sobre o que gostam e o que compreendem das coisas do mundo, muitas vezes, logo é esquecido. O que as crianças pensam que é “ser” criança? Como se dizem criança? Como se narram? Quais culturas são apontadas em suas conversas? Tentando responder essas questões, a pesquisa voltou-se para ouvir as crianças no que pensam sobre *ser crianças*. A partir daí, refleti sobre as possibilidades e os limites por elas apresentados.

O presente TCC justifica-se por buscar um olhar e ter uma escuta sensível à voz das crianças, tentando entender como se efetiva, em suas narrativas, o que a teoria aponta sobre crianças como atores sociais. Fiz uso de uma etnografia pós-moderna de pesquisa com crianças, por meio de observações participantes, registros de campo e entrevistas narrativas. Busquei verificar como as crianças distinguem-se umas das outras nos tempos, nos espaços, nas formas de socialização, nos tipos de brincadeiras, nos gostos e na escola. Atentei para como narram seus modos de ser e estar no mundo e para sua relação ou seus atravessamentos com a teoria que trata das crianças como atores sociais.

Atentei para o que dizem as crianças, pois, segundo Carvalho e Muller (2009), elas produzem culturas (quais culturas?), e se esse processo é somente uma imitação do mundo adulto ou se ela o apreende criativamente (como?). Observei também como emergem, em suas falas, os discursos de agente e co-construtor cultural desde a infância. Como elas se dizem no que diz respeito à afirmação de Corsaro (2002), de acordo com a qual as crianças se reconhecem como autoras de suas socializações. E, ainda, como as crianças, ao se narrarem, mostram-nos como constroem significações individuais e coletivas do mundo em que vivem.

A investigação fez uso de entrevistas narrativas sobre como as crianças realizam suas interações, tanto com seus pares quanto com os outros integrantes de seu convívio escolar, averiguando como as crianças se narram enquanto crianças, a partir de Corsaro (2005), quando ensina que o interesse da sociologia na criança tem conduzido a numerosos estudos sobre a infância, sendo os infantis compreendidos como atores sociais, utilizando-se métodos de pesquisa adaptados às suas necessidades infantis, buscando compreender o ser criança na contemporaneidade. Segundo o autor (idem.), um dos métodos mais indicados para estudar jovens e crianças é a etnografia, devido às muitas experiências de suas interações e culturas que são produzidas e formadas no presente.

A partir das questões estabelecidas e das leituras realizadas, pretendi escutar as crianças para compreender os discursos que os infantis têm sobre si mesmos a respeito do *ser criança*. Para tanto, busquei apoio em autores da sociologia da infância, como Sarmiento (2007, 2009), Corsaro (2002, 2009), Tomás (2012), Dornelles (2010, 2012), Muller (2010), Meyer e Paraíso (2012) e Larrosa (1994). Nesse contexto, este trabalho considerou a “voz” das crianças, a partir das narrativas de si, ou seja, o que revelam sobre as culturas infantis que se enunciam, especialmente, no caso desta investigação, no espaço escolar.

Para atender ao que foi proposto, o trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, abordo os modos/jeitos de ser criança na contemporaneidade a partir dos estudos do Campo da Sociologia. No segundo, discuto os desafios da contemporaneidade na compreensão do tempo e espaço da criança, apresentando a representação geracional, a brincadeira e o brinquedo e a cultura infantil. No terceiro, apresento os caminhos metodológicos que foram inspirados na etnografia pós-moderna de pesquisa com crianças e não sobre as crianças, com vistas a reconstruir as narrativas do seu cotidiano, bem como verificar como as crianças se constituem, ao lado da pesquisadora, como autoras da própria investigação.

Dando continuidade, no quarto capítulo, procuro dar visibilidade aos dados pesquisados junto às crianças, discutindo-os teoricamente. No último capítulo, em busca de uma conclusão ou da continuidade do trabalho, aponto alguns achados da pesquisa, sobre os quais reflito a partir da compreensão de que a sociedade e a cultura não são entidades estáticas, mas que estão sempre em movimento, refazendo-se.

Sendo assim, a ideia que temos de criança está sempre sofrendo modificações. E é em função disso que cada época revelará seus ideais e suas expectativas em relação à infância e

aos discursos que a produzem e a consomem, interferindo, diretamente, no comportamento das crianças (SARMENTO, 2004).

Para finalizar, apresento as referências utilizadas para a realização do trabalho e os anexos.

2 JEITOS/ MODOS DE SER CRIANÇA HOJE

Neste capítulo, abordo os modos/jeitos de ser criança na contemporaneidade a partir dos estudos do Campo da Sociologia, além de discutir sobre a infância contemporânea, apontando novos territórios e novas invenções.

2.1 INFÂNCIA E CRIANÇAS: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

**Saiba, todo mundo foi neném
Einstein, Freud e Platão também
Hitler, Bush e Saddam Hussein
Quem tem grana e quem não tem
Saiba: todo mundo teve infância
Maomé já foi criança
Arquimedes, Buda, Galileu
e também você e eu.
Arnaldo Antunes¹**

A epígrafe que abre este capítulo possibilita pensar a infância como uma condição da existência humana. Contudo, ainda que, conforme anuncia a música de Arnaldo Antunes, todos tenhamos sido crianças e tenhamos tido uma infância, entendo que a infância não se configura como categoria universal, mas como um conceito cultural e biológico.

Em função disso, tratei de garimpar algumas das importantes contribuições da Sociologia da Infância, campo de estudo que vem se ampliando ao longo dos últimos 30 anos. Cabe destacar que seria extremamente difícil dar conta da grande pesquisa e do estudo que envolve o tema infância, por isso o discuti a partir da contribuição de alguns dos autores que comungam com a concepção de que “[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011, p.15).

A Sociologia da Infância, embora muito recente em termos de produção e de constituição enquanto área de estudos e pesquisas, teve início na França, a partir dos estudos de Sirota (2001), que realiza a releitura crítica do conceito de socialização entre os pesquisadores franceses, contribuindo fundamentalmente com a consideração da *criança como ator*. Na Inglaterra, com Montandon (2001), destacam-se as principais temáticas presentes na produção em língua inglesa: relações entre gerações, relações entre crianças,

¹ A música *Saiba*, de Arnaldo Antunes, encontra-se no CD *Partimpim*, de Adriana Calcanhoto.

grupo de idade e aquelas que analisam os diferentes dispositivos institucionais dirigidos às crianças. A questão central de discussão das autoras diz respeito à construção social da infância a partir de um novo paradigma, que não compreende a criança como uma tábula rasa, a qual os adultos imprimem a sua cultura.

De acordo com Pinto e Sarmiento (1997, p.20-22),

[...] a consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como *menores* [...] implica o reconhecimento da capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas. [...] Os estudos da infância, mesmo quando se reconhece às crianças o estatuto de actores sociais, tem geralmente negligenciado a auscultação da voz das crianças e subestimado a capacidade de atribuição de sentido às suas acções e aos seus contextos. [...] As culturas infantis assentam nos mundos de vida das crianças e estes se caracterizam pela heterogeneidade. [...] A interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode ser realizada no vazio social e necessita de se sustentar nas análises das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem. (grifo do autor)

A partir do que apontam os autores, independentemente da corrente, a constituição de uma sociologia da infância ocorreu devido à oposição à concepção de infância enquanto objeto passivo de uma socialização conduzida por instituições e por adultos. Trata-se da redescoberta de uma sociologia que compreende as crianças como atores sociais, portadores e produtores de cultura. No Brasil, segundo Faria e Finco (2011, p.13), “a pesquisa sociológica com crianças nasceu com Florestan Fernandes, mas foi interrompida e agora ressurgiu em nome das crianças, que estão sendo vistas como sujeitos de direitos.”

A Sociologia da Infância surgiu, a partir de meados dos anos 1980, como um novo campo de estudos na Sociologia, e busca romper com a sociologia clássica na medida em que ela se confronta com a concepção de criança enquanto objeto de socialização (SIROTA, 2001), afirmando a ideia de criança ativa, competente e sujeito de direitos, além de debruçar-se sobre a particularidade do processo de socialização na contemporaneidade.

Para Corsaro (2011), um importante sociólogo norte-americano, não é adequado o uso do termo socialização, pois este carrega a pré-concepção de uma etapa de preparação para a vida adulta. Propõe, então, o termo Reprodução Interpretativa, por defender que “[...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações” (CORSARO, 2011, p. 31).

Observa-se que, apenas com a institucionalização da escola, o conceito de infância começou lentamente a ser alterado, por meio da escolarização das crianças. Pode-se, então, a

partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, mencionar uma construção social da infância (CORSARO, 2003).

Atualmente as crianças são escolarizadas logo cedo e, muitas, desde os primeiros meses, pois passam todo o dia em creches ou escolas de educação infantil, porque pais e mães trabalham em período integral. Com base no fato de estarem desde muito pequenas na escola, pode-se entender o que aponta a sociologia da infância, quando afirma que as crianças são atores sociais ativos, que precisam ser compreendidas em suas situações relacionais, quando estão entre elas, com o propósito de descobrir os jeitos de ser criança.

Essa compreensão assinala para o reconhecimento da infância como categoria, cujas características próprias são fundamentais para a construção das identidades, tanto do ponto de vista subjetivo quanto do social e cultural.

A cultura infantil possui características próprias, porque a criança imersa no mundo tem sua forma singular de interpretar a realidade. Assim, atribui significados ao mundo que a rodeia, bem como atribui sentido ao conjunto de atividades, às rotinas e aos valores produzidos durante a interação com seus pares.

É importante destacar que apenas recentemente as pesquisas passaram a conceber a infância como uma etapa importante da vida, passando a dar visibilidade às suas peculiaridades e culturas.

Segundo Quinteiro (2002, p. 04),

na realidade, pouco se sabe sobre as *culturas infantis*, porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a ‘fala’ apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores. Estes parecem ficar prisioneiros de seus próprios ‘referenciais de análise’. No âmbito da Sociologia, há ainda resistência em aceitar o *testemunho infantil* como fonte de pesquisa confiável e respeitável. (grifo do autor)

Considerando que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e para mudanças culturais, faz-se urgente construir novos caminhos para a realização de pesquisas com crianças, articulando diferente saberes, ciência e estética, razão e emoção, fantasia e realidade. Conceber discursos sobre educação e infâncias, utilizando apenas o ponto de vista do adulto e fazê-lo universal, significa sujeitar-se há um único tipo de narrativa, empobrecendo e desconsiderando as importantes contribuições socioculturais que também afetam as crianças.

A cultura de pares possibilita às crianças reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, apropriando-se dele. De acordo com Sarmiento (2002, p.11), a convivência com seus pares, por meio da realização de atividades e rotinas, permite

[...] exorcizar os medos, representar fantasias e cenas do cotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas. Esta partilha de tempos, acções, representações e emoções é necessária para mais um perfeito entendimento.

Ainda consoante Sarmiento (2007, p.22-23), as crianças “não são receptáculos passivos de culturas adultas, mas sujeitos activos na produção cultural da sociedade, recebendo através das múltiplas instâncias de socialização as culturas socialmente construídas e disseminadas”.

Dessa maneira, não é possível falar em infância, mas de infâncias, que se constituem frente a um embate de forças para que se tornem de um tipo e não de outro (DORNELLES, 2005), compreendendo que ela se modifica de cultura para cultura, de contexto para contexto. Assim, a criança precisa ser definida por aquilo que já faz e por aquilo que já é, sendo consideradas suas formas de estar, pensar e sentir específicas da infância (TREVISAN, 2007).

A nova concepção sociológica, segundo Qvortrup (2011), considera as crianças como um grupo social ou categoria estruturante em qualquer sociedade, portanto, estão imersas nos contextos econômicos e políticos, possibilitando à infância um lugar no quadro mais amplo das ciências sociais.

Dessa maneira, não existe uma infância, mas várias, cada uma com suas especificidades. Nesse sentido, Nascimento (2001, p. 43) defende a infância a partir do que as crianças têm em comum, como categorial geracional, ou de várias infâncias, destacando particularidades, sendo as crianças co-construtoras da sociedade.

Conforme Barbosa (2005, p.1065),

as crianças *não são e não existem* como seres abstratos e generalizáveis. E frases como: ‘Todas as crianças são imaturas, dependentes, alegres...’ foram tão fortemente ensinadas e repetidas que, até hoje, naturalizamos estas características nas pessoas de pouca idade. Ao contrário, crianças, em variados tempos e espaços, viveram a sua experiência de infância de modos muito diferenciados, portanto a infância é uma experiência heterogênea. (grifo do autor)

Sendo assim, talvez uma das coisas mais importantes que emergiu, a partir da pesquisa com crianças, seja o reconhecimento de que seu processo interativo revela a capacidade que elas têm de lidar com tudo o que as rodeia, significando e ressignificando seu contexto.

2.2 A INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA: NOVOS TERRITÓRIOS, NOVAS INVENÇÕES

De que crianças estamos falando? Quem são elas? Que infância moderna é essa? De que modo as crianças são produzidas? A infância é uma invenção? Quais os novos modos de ser criança e de viver a infância? Essas e muitas outras inquietações levam-nos a problematizar a perda de uma “era de ouro” da infância, em que as crianças teriam sido atendidas em suas necessidades, amadas, cuidadas em um tempo de cuidados com as crianças.

Hoje é comum, quando falamos de crianças, certa nostalgia, quando nos referimos a quão diferentes as crianças de hoje são das que fomos. A grande diferenciação é a habilidade das crianças de manipular aparelhos eletrônicos, como: TV, DVD, PC, iPod e MP, que nos colocam em contato direto com a informação mundial. Dessa maneira, as crianças ganham acesso ao mundo e, conforme Dornelles e Bujes (2012, p.12), “não é de se estranhar que tenham habilidades operacionais ‘tão diferentes’ daquelas que faziam parte de nossas bagagens pessoais na idade delas”.

Assim, podemos dizer que a infância, como concebemos hoje, de acordo com Dornelles e Bujes (2012, p.12), “é um fato recente, fruto de um modo de pensar as crianças que se disseminou num passado muito próximo, no espaço social”. Dessa maneira, pensar a infância como invenção possibilita-nos compreender como e por que as concepções mudam, mas também como são diversas de acordo com as épocas.

Nesse sentido, Dornelles e Bujes (2012, p.14) afirmam que

[...] pensar a infância como ‘dato natural’ é esquecer que ela é produto da invenção da escola, de mudanças na família, das condições de vida na sociedade, dos jogos de passatempo inventados para ela, das relações das crianças com os adultos e com outras crianças. Mas ela resulta também de tudo que se tem pensado, discutido e escrito ou produzido sobre e para as crianças: ideias pedagógicas, as reflexões filosóficas, os livros de etiqueta, as pinturas, as esculturas, as fotografias, os documentos escolares, a literatura infantil, as produções midiáticas, o brincar e os brinquedos.

Como apontam as autoras, compreender os modos de ser da infância diz respeito ao conjunto de narrativas que constituem as crianças inseridas na cultura de sua pertença, mas também são resultado de suas interações com todas as possibilidades de seu desenvolvimento. Dessa maneira, compreendemos que “a infância é um fenômeno caracteristicamente moderno, uma invenção da modernidade” (idem, p.12).

Ao falar de uma condição contemporânea de infância, faz-se necessário pensar na liquidez da sociedade de consumo. Conforme Mono (2012, p.36), o consumo deve ser

entendido não apenas como “consumo de bens materiais, mas também, e principalmente, de significados e representações que promovem desejos e processos de identificação”. Vivemos em um tempo em que as crianças são convocadas para o consumo por meio do desejo e da satisfação imediatos e, consoante Giroux (1995), a mercantilização é um dos princípios definidores de identidades.

As condições culturais contemporâneas produzem infâncias diferentes da infância moderna, ou seja: dócil, ingênua, dependente de adultos. Para alguns autores, as crianças passam a ser o “epicentro da cultura do consumo” (MOMO, 2012), são consumidoras transformando sua inserção no mundo, promovendo a invenção e produção de uma nova infância.

Assim, entende-se que os modos de ser criança no mundo contemporâneo estão intrinsecamente imersos em um mundo que se caracteriza pela ambivalência, velocidade, fugacidade, instantaneidade entre tantas outras dimensões e, portanto, com o que apresenta Larrosa (1998, p.195), para quem, “ainda que a infância nos mostre uma face visível, conserva também um tesouro oculto de sentido, o que faz com que jamais possamos esgotá-la”.

Dessa maneira, pensar a infância é um desafio, é um enigma, pois é polivalente, podendo ser de diferentes modos ao mesmo tempo. Corroborando essa ideia, Dornelles (2012, p.80) afirma que “a criança carrega consigo uma cultura, concebida simbolicamente na imersão das vivências experimentadas em sua comunidade, da qual fará uso ao longo de sua vida”.

Na contemporaneidade, as crianças “fazem parte da ciberinfância”, ou seja, a infância afeta às novas tecnologias [...]. [...] refiro-me à invenção de um conjunto de saberes e especialidades que atravessam as infâncias” (idem, p.81).

Dessa forma, entende-se a criança como alguém que faz parte da sociedade, estabelece relações e interage com seus pares. De acordo com Dornelles (idem, p.85), “a infância é entendida como um tempo geracional, um tempo de sentido, de acontecimento e de experiência, em que a criança tem suas particularidades em relação a esses tempos e seus contextos”.

Pensando na realidade brasileira, tem-se uma multiplicidade de elementos culturais e sociais que vão compondo os modos de ser criança e de viver as infâncias. É preciso ter clareza de que não existe uma forma única de ser criança ou de ter infâncias, não há uma infância universal, pois, ao observar o interior da sociedade, encontramos extremas

desigualdades sociais, com diferentes modos de viver, nas quais se engendram infâncias paradoxais. Encontramos crianças em situação de risco, desnutridas, sem escola; crianças que brincam nas praças, crianças ocupadas com aulas de judô, inglês e *ballet*; crianças bem alimentadas. Ou seja, crianças com pleno reconhecimento de seus direitos e outras desprovidas deles, mesmo que, juridicamente, todas as crianças do mundo tenham o direito de crescer e viver em condições humanas.

Pinto e Sarmiento (1997), ao considerar as crianças como atores sociais, remetem-nos ao reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e à constituição de suas manifestações e representações em sistemas organizados, isto é, em culturas. Nesse sentido, destaca-se o caráter não universal da infância, associado ao fato de que diferentes culturas produzem infâncias diversas.

Nesse contexto, é possível refletir sobre o que Sarmiento (apud DORNELLES, 2013, p.10) nos anuncia:

as crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir de suas próprias práticas[...]

3 TEMPOS E ESPAÇOS DAS INFÂNCIAS: DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, são discutidos os desafios da contemporaneidade na compreensão do tempo e espaço da criança, apresentando a representação geracional, a brincadeira e o brincar e a cultura infantil.

3.1 O QUE É SER CRIANÇA: DISCUTINDO A REPRESENTAÇÃO GERACIONAL.

Sendo a criança um integrante da sociedade, logo, participa de sua produção coletiva. Desse modo, o processo de transformação da criança até o ser adulto, para além de um fenômeno biológico, é um processo cultural, em que o sujeito se insere no mundo social como uma pessoa de direitos.

Lendo o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (1990, Art. 2º), encontramos como definição de criança “a pessoa de até 12 anos de idade incompletos”. Mas é possível delimitar barreiras tão fechadas e determinadas? O que define sermos crianças ou adultos? Será tão simples pertencer a uma determinada categoria geracional?

Segundo Ramos (2006, p.33),

talvez seja essa busca pelo sentido do tempo e da vida que faça com que o ser humano tenha uma forma tão peculiar de ordená-los e organizá-los. Possuímos um corpo, que desde sua primeira formação, ainda zigoto, envelhece rumo a uma futura morte, limite da existência de qualquer ser vivo. O modo como delimitamos o tempo vivido, subdividindo-o em idades e grupos geracionais, é uma fragmentação arbitrária fundamentada nesse acontecimento universal, o ciclo nascimento-crescimento-morte. Mas a marcação etária não se limita apenas a atribuir uma idade cronológica ao indivíduo. Fazemos um constante investimento simbólico e, portanto, cultural sobre esse corpo que envelhece.

Nessa perspectiva, não se trata de um processo simples e fácil. Ter certa idade significa pertencer a uma determinada representação, que confere alguns comportamentos a esse grupo etário, ou seja, saber o que se pode ou não fazer, reconhecer os comportamentos que são aceitáveis ou não. Estar com determinada idade significa pertencer a um grupo etário e respeitar determinadas regras. Conforme Veiga-Neto (2000, p.23),

[...] os marcadores identitários - como o vestuário, os adereços (na roupa ou diretamente no corpo), as marcas físicas (cor, textura e corte dos cabelos, cor da pele, maquiagens, etc.) a gesticulação, o modo de falar, etc. – acabam funcionando não só para representar determinado grupo étnico (ou tribo), como, ao mesmo tempo, para representar esse ou aquele grupo etário.

Dessa maneira, a idade passa a ser, além de um marcador cronológico, um mecanismo de controle das relações sociais, pois define as atribuições e demandas da sociedade. Assim, o que o sujeito consegue fazer ou não é cobrado socialmente de acordo com sua faixa etária. Sarmiento (2005) aponta para a ideia de que geração é uma categoria estruturante das relações sociais sendo assumida como uma variável independente, estando, prioritariamente, ligada aos aspectos demográficos e econômicos da sociedade.

A infância como construção histórica acontece a partir de um longo processo que lhe atribuiu um lugar na sociedade. Esse processo nunca chega ao final, pois continua sendo atualizado nas práticas sociais, nas interações entre as crianças e entre elas e os adultos. Ainda conforme Sarmiento (idem), a geração da infância está, por consequência, em um processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída de seus atores concretos, mas por efeito conjugado das ações internas e externas dos fatores que a constroem e das dimensões de que se compõe.

Sendo assim, o conceito de geração não possibilita distinguir o que une e o que separa as crianças dos adultos. Consoante Sarmiento (idem, p.366-367),

[...] a ‘geração’ é um constructo sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no plano sincrónico, a *geração-grupo de idade*, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos actores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrónico, a *geração-grupo de um tempo histórico definido*, isto é o modo como são continuamente reinvestida de estatutos e papeis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas os actores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto. (grifo do autor)

Conforme aponta o autor, fica claro que a infância, assim como as demais categorias etárias, são construções históricas e sociais que dependem do tempo e do contexto em que se inserem.

Cabe ressaltar que, para Qvortrup (apud SARMENTO, 2005, p.364),

a infância é independente das crianças; estas são os actores sociais concretos que em cada momento integram a categoria geracional; ora, por efeito da variação etária desses actores, a ‘geração’ está continuamente a ser ‘preenchida’ e ‘esvaziada’ dos seus elementos constitutivos concretos. A geração é o que permanece, com categoria estrutural, sendo prioritariamente definida por factores igualmente estruturais: a estabilidade e a mudança demográfica.

Resulta de tudo isso que, mais do que em qualquer outro momento histórico, vivemos em uma época em que somos continuamente interpelados por marcadores etários. Conforme Veiga-Neto (2000), vivemos em uma época de proliferação das diferenças, em que os sentimentos de pertença são cambiantes e complexos, difíceis de capturar, descrever e analisar.

As mudanças sociais que as crianças vêm vivenciando, enquanto categoria social, dizem respeito também às relações intergeracionais que têm constituído um aspecto vital na mudança social.

3.2 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: ELEMENTOS REPRESENTATIVOS DA VIDA SOCIAL

O brincar mostra-se como um mistério. Por que e para que as crianças brincam? Para onde vai a brincadeira quando nos tornamos adultos? E a escola, é espaço de brincar? Falar de criança é pensar em brinquedos, brincadeiras e jogos. De acordo com Dornelles (2001, p.104),

[...] a brincadeira é algo de pertença à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas de si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo.

Entendendo, como a autora, que o brincar é uma atividade fundamental do ser humano, cabe destacar a compreensão de que a capacidade de brincar não é inata, ela se constrói em interação com o outro, com o mundo que o rodeia. Dessa maneira, brincar é, para mim, a principal atividade da criança, é uma forma privilegiada de interação com os outros. Por meio da brincadeira, a criança pode envolver-se com práticas sociais específicas aos grupos a que pertence. Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental, pois possibilita a apropriação, a ressignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças.

De acordo com Moyles (apud CURTIS, 2006, p.39), “o brincar não só é afetado por influências culturais, mas é também uma expressão das culturas, neste trabalho, refiro-me à cultura lúdica.”

Autores como Moyles (apud BROW, 2006, p.69) e Bruner (1986) descrevem a cultura lúdica como a capacidade de criar e recriar significado. Erikson (1950) sugeriu que o brincar

era uma forma de capacidade humana de lidar com a experiência, pela criação de situações modelo, e de dominar a realidade, pelo experimento e pelo planejamento. Huizinga (1949) sugere que o brincar é capaz de criar ordem: o brincar e as atividades a ele associadas estabelecem ordem na cultura infantil.

Já para Gilles Brougère (1997, p.40),

a infância é, conseqüentemente, um momento de apropriação de imagens e de representações diversas que transitam por diferentes canais (...). O brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes. Se ele traz para a criança um suporte de ação, de manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe, também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados.

Sendo assim, durante a brincadeira, a criança está diretamente interagindo com a cultura em que se insere, uma vez que o brinquedo aparece como suporte de aprendizagem para essa faixa etária e a cultura lúdica amplia-se cada vez que a brincadeira possibilita a imaginação, relatos, histórias e experiências.

Ainda conforme Brougère (apud KISHIMOTO, 2002), a cultura lúdica não está pairando sobre nossas cabeças, ela existe na medida em que é ativada por operações concretas que são as próprias atividades concretas. O que constitui a cultura lúdica é o conjunto de experiências acumuladas, desde as primeiras brincadeiras do bebê, que originam as interações sociais. Dessa maneira, a cultura lúdica não está isolada da cultura geral. Segundo a mesma autora,

[...] alguns elementos parecem ter uma incidência especial sobre a cultura lúdica. Trata-se hoje da cultura oferecida pela mídia, com a qual as crianças estão em contato: a televisão e o brinquedo. A televisão assim como o brinquedo transmitem hoje conteúdo e às vezes esquemas que contribuem para a modificação da cultura lúdica que vem se tornando internacional (KISHIMOTO, 2002, p.28).

A brincadeira faz parte da cultura da infância. Portanto, deve ser preservada e oportunizada de modo a garantir à criança o direito de brincar. Dessa maneira, a atividade lúdica, para ser aprendida, precisa de companheiros, pais, amigos, professores, irmãos, etc. Logo, a falta de interações com os outros pode tanto dificultar a construção de um repertório de brincadeiras quanto favorecer o empobrecimento cultural.

Os brinquedos possibilitam a reapresentação da realidade da criança e de seus contextos e podem ou não incorporar representações, como é o caso dos programas de televisão, dos contos de fadas, etc.. A dimensão existencial dos brinquedos vai além. Sua função não se limita a construções de materiais, representam categorias sociais próprias e subjetivas cujas dimensões superam o material e cultural.

Percebendo que a escola passou a ser também um espaço e tempo das infâncias, cabe fazer referência ao documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, publicado em 2010 pelo MEC, que apresenta como objetivo da proposta pedagógica, para as instituições de Educação Infantil, a garantia à criança ao acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Outro destaque importante desse mesmo documento é o que diz respeito à organização curricular, que define como eixos norteadores das práticas as interações e as brincadeiras.

Entendendo esse direito e o contexto da criança, é preciso organizar o cotidiano para que ela possa viver situações agradáveis e ampliar seus repertórios. Nessa perspectiva, é necessário ampliar a concepção de espaço, para que ocorram as brincadeiras e a construção da cultura infantil, ou seja, é preciso pensar em espaço/ambiente para além do espaço físico, é preciso pensar nas possibilidades de (re) criação, conhecimento, descobertas, interações e relações.

A brincadeira é algo muito sério e importante para as crianças, impossível de ser “encaixotado” em definições objetivas e estáticas. O brincar pertence à criança, é sua dinâmica de vida, sua forma de participar, interferir, interagir e de se relacionar com a cultura.

3.3 A CRIANÇA QUE CONSTRÓI CULTURA

A cultura infantil, como categoria compreendida pela Sociologia, faz-nos entender que cada criança tem condições de produzir sua própria cultura, conforme suas relações com o contexto que a cerca, ampliando seu repertório, criando e recriando. Dessa maneira, os conhecimentos produzidos socialmente são reelaborados pelas crianças em suas múltiplas vivências. De acordo com Pinto e Sarmiento (1997, p.22), “as culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado - pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável - nem lhes é alheia a flexibilidade social global”.

Com base nas contribuições da Antropologia, a partir dos estudos de Clifford Geertz (1989), a principal característica da cultura é a construção de sentidos e significados acerca das coisas, fazendo assim com que ideias e conceitos sejam partilhados historicamente. A

cultura, nessa percepção, assumirá diferentes configurações, dependendo do contexto em que está inserida, já que nem todo significado é partilhado por todos. Não se trata de pensar em separar a cultura infantil da adulta, mas ter presente que se trata de um vai e vem, de um aprender e estabelecer significados, produzindo, dessa forma, culturas infantis.

Segundo Sarmiento (2004), existem quatro eixos estruturadores das culturas das infâncias: a *interatividade*, a *ludicidade*, a *fantasia do real* e a *reiteração*. A *interatividade* acontece a partir das relações estabelecidas pela criança com o meio familiar, escolar e social, contribuindo para a formação da identidade pessoal e social da criança. Para Sarmiento (idem, p. 14), a “aprendizagem é eminentemente interactiva; antes de tudo o mais, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum. Estabelecem dessa forma as culturas de pares.” Nesse sentido, defendo a ideia de que cultura consiste em movimento, tempos, ritmos e códigos, estabelecendo, assim, a *cultura de pares*, ou seja, “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (CORSARO, 2009, p.32).

A cultura de pares possibilita às crianças a vivência, a apropriação, a reinvenção e reprodução do mundo que as rodeia. Essa partilha de tempos e espaços possibilita o entendimento do mundo que as rodeia. Dessa forma, “as crianças quando crescem deixam seu legado, sob a forma de brincadeiras que praticam com os mais novos [...] as crianças partilham conhecimentos, rituais e jogos que vão sendo transmitidos de uma geração para a seguinte” (SARMENTO, 2004, p.14-15).

Outro eixo estruturante, de acordo com Sarmiento (idem), é a *ludicidade*, considerada aspecto fundamental das culturas infantis. Brincar faz parte da natureza da criança e acompanha suas diversas relações ao longo de seu desenvolvimento. De acordo com Moyles et al. (2006, p. 16), “um dos maiores atributos do brincar seja as oportunidades que ele possibilita de aprendermos a viver com o não saber, pois todos reconhecemos prontamente que aprendemos mais efetivamente por meio da tentativa e erro”.

A cultura lúdica não está isolada, está imersa em um contexto, sendo uma manifestação da interação social. As crianças compartilham experiências e brinquedos aumentando seu repertório cultural lúdico. O brinquedo, entendido como suporte da brincadeira, de acordo com Brougère (2004), não é apenas uma representação humana, mas um produto da época e da moda, que está ligado ao consumo. Para Sarmiento (2004, p. 16), “o brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis”.

A *fantasia do real*, outro eixo descrito por Sarmiento, enfatiza que o “faz de conta” é algo muito estruturante na criança e que “é por isso que fazer de conta é processual, permite continuar o jogo da vida em condições aceitáveis para a criança” (ibid, 2004, p.16).

O quarto eixo apresentado pelo mesmo autor é a *reiteração*, que apresenta a ideia da não linearidade temporal, “o tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente revestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido” (SARMENTO, 2004, p. 17). Assim, reinventa-se um tempo, um tempo discursivo da infância que

[...] tanto se exprime no plano sincrônico, com a contínua recriação das mesmas situações e rotinas, como no plano diacrônico, através da transmissão das brincadeiras, jogos e rituais das crianças mais velhas para as crianças mais novas, de modo continuado e incessante, permitindo que seja toda a infância que se reinventa e se recria, começando tudo de novo (SARMENTO, 2004, p.18).

As culturas infantis exprimem a cultura da sociedade, assim sendo, as crianças pertencem e contribuem ativamente para a construção das culturas. Nesse sentido, compreende-se que culturas infantis tratam da capacidade das crianças de construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional. Ainda de acordo com Sarmiento (2002, p.4), “as culturas das infâncias são tão antigas quanto à infância. [...] as culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade”. Dessa maneira, podemos dizer que é nesse vai e vem entre as culturas geradas, conduzidas e produzidas pelos adultos para as crianças e nas culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção [...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.24).

O objetivo deste capítulo é discutir os caminhos percorridos durante a realização desta pesquisa com crianças, considerando que nem sempre o caminho percorrido traduz o que foi planejado. Em função disso, escolhi o excerto de Larrosa, apresentado na epígrafe, para explicitar um pouco do sentimento e da importante experiência que é fazer pesquisa com crianças. Isso porque, foi necessário estar atenta aos objetivos propostos e às novas indicações que surgiam com o passar do tempo na relação com as crianças, sujeitos desta pesquisa. Conforme Dornelles e Lima (2013, p.5), “a etnografia é entendida como uma das principais metodologias para se pesquisar a infância, pois se entende que este modo de fazer pesquisa capta melhor a voz da infância e seus modos de participação nos dados apresentados”.

4.1 METODOLOGIAS INVESTIGATIVAS COM CRIANÇAS

As histórias vividas, os caminhos percorridos, os espaços conhecidos, as experiências e as narrativas diversas e os grupos inesquecíveis dos quais tenho feito parte, de certa maneira, vêm compondo meu olhar e minha escuta diante da infância. Olhar curioso, inquieto e de encantamento, faz com que busque possibilidades de relação e pesquisa interativa *com*, e não *sobre*, as crianças.

Sendo a participação efetiva das crianças uma de minhas preocupações no decorrer da pesquisa, orientei meus estudos para uma metodologia participativa. De acordo com Dornelles (2012, p.8), as crianças, sendo participes da investigação, “[...] sugerem caminhos, traçam cartografias, ensinam-nos a ousar, a transpor o modo tranquilizador do como vínhamos pesquisando e analisando nossos dados até então”.

Nesse sentido, faz-se necessário que o pesquisador fique entre as crianças, pois, conforme Martins Filho (apud DORNELLES, 2012, p.15), somente assim, o mesmo “poderá

gerar um envolvimento muito maior com os sujeitos pesquisados, pois o contato direto permite construir uma atmosfera muito positiva, lúdica e humana no desenvolvimento de pesquisas com crianças”.

Silva, Barbosa e Kramer (2008) apontam para uma questão fundamental sobre pesquisas com crianças, ou seja, por se tratarem de pesquisas do campo das ciências humanas e sociais, o objetivo acaba sendo as relações sociais e, assim, é preciso ressignificar o ver e o ouvir para garantir a qualidade da pesquisa.

Ver: observar, construir o olhar, captar e procurar entender, reeducar o olho e a técnica. **Ouvir:** captar e procurar entender; escutar o que foi dito e não dito, valorizar a narrativa, entender a história. Ver e ouvir são cruciais para que se possa compreender gestos, discursos e ações. Esse aprender de novo a ver e ouvir (e estar lá e estar afastado; a participar e anotar; a interagir enquanto observa a interação) se alicerça na sensibilidade e na teoria e é produzida na investigação, mas é também um exercício que se enraíza na trajetória vivida no cotidiano (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008, p. 86).

Nesse sentido, busquei, na etnografia pós-moderna de pesquisa com crianças, a metodologia de pesquisa com crianças e não sobre as crianças, com vistas a reconstruir as narrativas de seu cotidiano, bem como verificar como as crianças se constituem, ao lado da pesquisadora, autoras da própria investigação.

De acordo com Clifford Geertz (apud JORDÃO, 2004, p.42), as culturas devem ser concebidas como textos e a análise antropológica como interpretação sempre provisória, o que seguramente contribui para o estranhamento da autoridade etnográfica da modernidade e seu consequente rompimento com a tradição do pensamento funcionalista em antropologia.

A investigação atentou, fazendo uso de entrevistas narrativas, para o como as crianças realizam suas interações, tanto com seus pares quanto com os outros integrantes de seu convívio escolar.

A participação da criança, na modernidade, tornou-se imprescindível nos discursos científicos e políticos que são produzidos a cerca da infância. Desse modo, segundo Soares, Sarmiento e Tomás (2004, p. 06), “a Sociologia da Infância, ao considerar as crianças como actores sociais e como sujeitos de direitos, assume a questão da participação das crianças como central na definição de um estatuto social da infância e na caracterização do seu campo científico”.

Assumir que as crianças são atores sociais competentes leva-nos a compreender que metodologias participativas com crianças mostram-se uma alternativa reveladora dos mundos sociais em que estão inseridas. Ainda conforme Soares, Sarmiento e Tomás (2004, p. 06), “o

contributo das metodologias participativas neste âmbito tenta desenvolver um trabalho de tradução e desocultação das vozes das crianças, que permaneceram ocultas nos métodos tradicionais de investigação”.

Ainda consoante Soares, Sarmiento e Tomás (2004, p. 7),

o desafio que as metodologias participativas colocam aos sociólogos da infância é duplo: por um lado, um desafio à imaginação metodológica, à sua criatividade, para a definição de ferramentas metodológicas adequadas e pertinentes; por outro lado, um desafio à redefinição da sua identidade enquanto investigadores, descentrando-se do tradicional papel de gestores de todo o processo, para conceber a co-gestão do trabalho investigativo com as crianças.

Em função disso, utilizei, neste trabalho, a pesquisa qualitativa, que busca a compreensão de um determinado fenómeno sem perder de vista o diálogo com o contexto da investigação. Dessa maneira, nos estudos de cunho qualitativo, os modos de ser, as repostas e as manifestações dos sujeitos não buscam generalizações, mas pautam as análises a partir dos diferentes contextos, das histórias e condições que são particulares e variáveis.

Nesse sentido, optei por organizar um ambiente acolhedor com as crianças, para que a conversação e o desenho pudessem revelar, além da personalidade singular, o compartilhamento das culturas infantis. Conforme Sarmiento (2011, p.28-29), “o desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita [...] Nesse sentido, o desenho infantil comunica [...]”.

Ainda de acordo com Sarmiento (idem, p.11), “o desenho é um processo interativo, em que as crianças exprimem sua capacidade de lidar com tudo que as rodeia, formulando hipóteses da sociedade, dos outros e de si próprias, da natureza e dos sentimentos.” O referido autor destaca também (idem, p. 51) que “o desenho, afinal, é a expressão de uma das coisas que as crianças fazem de mais sério: brincar”. Assim, conforme Sarmiento (idem, p.29), “o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer”.

A partir de tais pressupostos, realizei a coleta de dados para a pesquisa em uma Escola Municipal de Educação Infantil do município de Novo Hamburgo – EMEI. A escolha desse ambiente deu-se por dois motivos: pelo fato de a pesquisadora conhecer o grupo de crianças dessa instituição bem como em função do aceite da direção da referida escola.

Nesse contexto, pretendi escutar, no sentido de refletir sobre e compreender os discursos que os infantis têm sobre si mesmos a respeito do *ser criança*, buscando possíveis

respostas aos questionamentos: como as crianças se narram, se dizem sobre o ser criança? Como as crianças entre 4 e 5 anos definem ser criança? Como conceituam o que é ser criança? O que a Sociologia da Infância apresenta sobre o ser criança e o que disso aparece nas narrativas das crianças?

A seleção das nove crianças participantes da pesquisa deu-se por indicação da professora, levando em consideração a faixa etária, ou seja, crianças com 4 e 5 anos.

Logo após, foi agendado um momento com a direção da escola e com a professora para a entrega e assinatura do Termo de Consentimento Informado (Apêndice A), autorizando a realização da pesquisa, e para organizar os contatos necessários com as famílias das crianças. Para a professora da turma, foi entregue um Termo de Consentimento Informado a ser entregue aos pais (Apêndice B), solicitando autorização para a participação das crianças na pesquisa. Conversando com as crianças, foi entregue e explicado o termo de consentimento informado da criança (Apêndice C), para verificar seu desejo de participar ou não deste estudo.

4.2 ALGUMAS ESCOLHAS: COMO ESCUTAR A VOZ DAS CRIANÇAS?

Para realizar a coleta de dados e escutar as vozes das crianças para a pesquisa, realizei os seguintes procedimentos investigativos:

a) levantamento bibliográfico para a compreensão dos modos de ser criança hoje.

b) intervenções com grupos de crianças entre 4 e 5 anos, buscando investigar como elas concebem o ser criança. Para tanto, realizei alguns encontros:

1º- conversa com as nove crianças, indicadas pela professora a participarem da pesquisa, explicando os passos da pesquisa e verificando seu interesse em fazer parte deste estudo. Após, foi entregue o termo de consentimento para obter sua autorização bem como a de seus familiares para participar do estudo.

2º- apresentação às crianças de folhas de diferentes cores e tamanhos, lápis de cor, canetinha e giz de cera e solicitação para desenharem o que é ser criança para elas. Enquanto desenhavam, a pesquisadora utilizou seu caderno de campo para registrar as falas das crianças e seus gestos, ou seja, suas linguagens e, em seguida, propor diálogos sobre seus desenhos.

3º - Análise dos dados a partir do aporte teórico e do que foi produzido nas intervenções de pesquisa.

A partir do descrito até então, defini-me, por uma metodologia de pesquisa que desse voz às crianças, compreendendo a infância como uma categoria social e as crianças como sujeitos históricos que, ao mesmo tempo, produzem cultura e são produzidos por ela. Entendi as crianças como atores sociais que participam, ativamente, do processo cultural, sendo capazes de observar, analisar, expressar, sentir, interpretar, decidir. Adotei uma concepção de criança que reconhece o que faz parte da singularidade da infância, de sua imaginação e criatividade. Ousei e busquei entender as crianças como protagonistas das culturas em que estão inseridas.

5 O QUE NARRAM E DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE O SER CRIANÇAS: ANALISANDO E DISCUTINDO OS DADOS E ACHADOS DA PESQUISA

O que é ser criança?
 “É brincar!
 Estudar, aproveitar... Aproveitar o sol.
 Tomar banho de piscina.
 Tomar banho de chuva.
 E comer bolinho de chuva.
 E de brincar bastante.
 Pular na poça de lama.
 Gabriel, Gael, Nicole
 (Diário de Campo 27/08/2013)

Destaco, inicialmente, o excerto da conversa que tive na vivência com as crianças informantes da pesquisa, para dar início a este capítulo, em que procuro algumas respostas para minhas inquietações. Para tanto, escolhi ferramentas que pudessem me auxiliar a registrar as manifestações das crianças sobre o que é para elas *ser criança*. Foi no entrelaçar das conversas com as elas, nas observações, nas anotações e nos desenhos recolhidos durante a pesquisa, que pude me aproximar do contexto investigado e ver o mundo a partir do olhar das crianças. Assim, pude entrar em seu universo, a fim de compreendê-lo, potencializando as relações sociais entre as crianças, suas linguagens, suas interações, brincadeiras e culturas.

Nessa perspectiva, segundo Delgado e Muller (2008, p.9),

em etnografia, realizamos um trabalho de construção e tessitura que se relacionam com nossas experiências sociais e culturais em confronto com as experiências das crianças, estranhas e próximas, íntimas e distantes de nós adultos. Realizamos, portanto, um duplo exercício de familiarização e distanciamento que é, no mínimo, instigante. Este jogo tenso de estabelecer relações entre o que é estranho e ao mesmo tempo tão próximo e íntimo é o que consideramos um desafio na produção e nos estudos com as crianças.

Minha proposta de estudo foi investigar como as crianças se narram, se dizem sobre o - ser criança – por meio do diálogo, de desenhos e imagens, a partir do questionamento: o que é ser criança? Imediatamente após a pergunta e de maneira bastante voluntária, as crianças elencavam o que para elas era ser criança. A partir daí, estabeleci três categorias de análise dos dados, a fim de discutir os eixos da pesquisa, quais sejam, a *ludicidade*, a *categoria geracional* e a *cultura*.

Ao solicitar ao grupo de crianças que desenhassem *o que é ser criança*, Gabriel, prontamente, deu início à sua produção, acompanhado de muitas falas:

Gabriel: Eu vou me desenhar jogando futebol, porque eu sou do time do Inter.

Gabriel: Eu desenhei lutando karatê de manga curta.

Pesquisadora: Gabi, tu és criança?

Gabriel: Sim, porque às vezes eu tenho uma festa.

Pesquisadora: Como assim, uma festa? Me explica.

Gabriel: Festa para mim... Fazer anos.

Pesquisadora: Ah! E quantos anos tu tens agora?

Gabriel: Ah! Eu fiz um aninho, eu fiz dois, fiz três, fiz quatro e, agora, tenho 5 e daí vou fazer 6, fazer 7, fazer 8, fazer 9 e fazer 10.

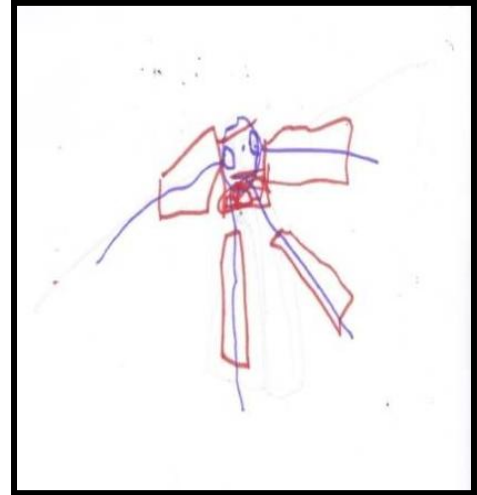


Figura 1- Gabriel - o que é ser criança?

As crianças da contemporaneidade pertencem a um grupo geracional de pessoas que se organizam de muitas maneiras, falam muitas vezes do seu jeito, brincam, comem, vestem, interagem e participam de ritos diferentes.

Pensando no que o Gabriel nos traz, logo percebemos uma forte ligação da definição da criança com a brincadeira e, em seguida, estabelece uma relação com *festa de aniversário*. Segundo Sirota (2008), o aniversário da criança mostra-se como um ritual que reflete a alteração do lugar da criança no conjunto dos rituais. O ritual de aniversário, segundo a referida autora, é bastante antigo, surge a partir de uma explosão das referências sociais, que acontecem a exemplo do rito de Natal. Trata-se da celebração de participação em um grupo. No início século passado, era o ancião que era festejado e os netos lhe ofereciam pequenos presentes. Contudo, para Sirota (2008, p. 34), “a ordem dos valores familiares evoluiu desde então, agora é a criança que faz a família, e é em trono dela que se ordena o círculo familiar. A celebração da ordem geracional inverteu-se”.

Na contemporaneidade o aniversário passou a fazer parte de um universo de sustentação ou de ostentação de um *status* social, pois muitas comemorações acontecem em espaços de festas especializados, com brinquedos para entretenimento, em que a celebração passa a ser frenética e o convívio entre os pares passa a ser secundário.

Dessa maneira, o aniversário marca uma importante representação em nossa cultura. Segundo Sirota (idem, p. 34),

[...] enquanto rito de passagem, o aniversário marca também as etapas do ciclo da vida, pois ele se repete em data fixa, por meio de uma forma ritual globalmente idêntica, mas que se modifica ao longo do curso da vida do celebrante, primeiro durante a infância o crescimento, depois durante a vida adulta o envelhecimento do indivíduo.

5.1 BRILHANTE VITÓRIA: O QUE DIZEM SOBRE SEUS PROGRAMAS DE TV

Nesse mesmo grupo, Nicole, uma menina de 5 (cinco) anos, também participou ativamente desenhando e conversando, realizando intervenções como a que segue.

Nicole: O teu gravador já está gravando?

Pesquisadora: Sim, depois poderemos ouvir nossas vozes.

Nicole: Eba! E tu também vai mostrar para tua professora?

Gabriel: Ela não tem professora!

Pesquisadora: Tenho sim. Esses desenhos que vocês estão fazendo, levarei para minha Escola.

Nicole: Mas eu achei que só fosse criança que ficasse em escola.

Pesquisadora: Será que é só criança que fica em escola?

Nicole: É que nem Brilhante Vitória, que eu já vi uma vez e elas estavam em uma escola.

Eu achei que fosse só criança que fosse à escola.

Nicole: Eu tô desenhando uma grama, daí vou fazer umas flor e um parquinho pras crianças, eu vou fazer eu a Júlia e a Tata. E eu vou fazer do outro lado uma pracinha que eu encontrei a Júlia quando eu estava passeando.

Nicole: É porque eu desenhei nós três no parquinho brincando.



Figura 2- Nicole - o que é ser criança?

Desde o primeiro comentário de Nicole, fica evidenciado seu interesse pelas tecnologias e por suas funções. Nesse sentido, reconhece-se uma infância contemporânea que é “capturada” pelos avanços tecnológicos. Consoante Coutinho (apud DORNELLES e FERNANDES, 2012, p.120), a criança de hoje nasce em um mundo em que as máquinas são parte integrante e necessárias a ele, que passam a ser percebidas como algo natural de seu próprio mundo. Outro aspecto a ser destacado na narrativa de Nicole é o efeito dos programas de televisão para a compreensão do universo cultural em que se encontra, quando faz referência a uma série de TV destinada ao público infantil e juvenil “Brilhante Victoria”, em que as personagens são alunas de uma escola na qual cada um tem um talento, para compreender que as escolas são frequentadas por outros adultos. As culturas infantis vêm sendo modificadas a partir da interação das crianças com diversos artefatos culturais, como: desenhos, vídeos, internet, filmes, revistas entre outros e, dessa maneira, faz-se necessário “despertar nas crianças uma certa criticidade sobre esses artefatos, de forma a lhes permitir

perceber como esses são produzidos, disseminados e consumidos e como elas podem, a partir daí, ressignificá-los” (DORNELLES E FERNANDES, 2012, p.83).

Assim, podemos afirmar que as tecnologias interpelam e fascinam tanto crianças e adultos. De acordo com Fischer (2003, p.12),

quando assistimos TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos(ou do que não somos) do que negamos ou daquilo que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou a rejeitar ou simplesmente a apreciar.

5.2 SOBRE UMA CATEGORIA GERACIONAL

Outro grupo de crianças de 5 anos, participante da pesquisa, composto por Thais, Luíza e Gael, contribuiu para dar continuidade à reflexão a partir de suas colocações, de seus desenhos e de seu entendimento sobre a Categoria geracional, como segue.

Pesquisadora: Thais tu és criança?

Thais: Sim.

Pesquisadora: Como tu sabes que tu és criança?

Thais: É porque eu só tenho 5 anos,e tem umas com 18.

Pesquisadora: E quem tem 18 anos o que é?

Thais: Adulto ou Adolescente? Ah... tu sabe.

Pesquisadora: E os colegas de vocês são crianças?

Thais: São.

Pesquisadora: E a profe, o que é?

Thais: Sim, não (risos...)

Pesquisadora: Como vocês sabem que a profe não é criança?

Thais: É porque ela é grande.

E tu também não é criança.

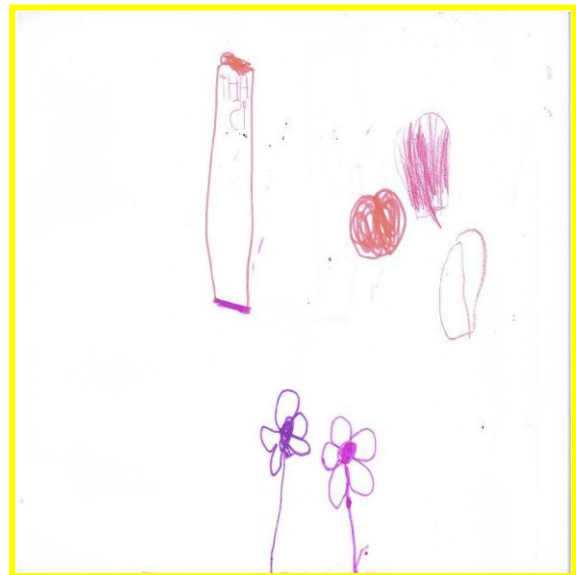


Figura 3 - Thais – O que é ser criança?

Já a Luíza desenhou e disse o seguinte: “Eu tô fazendo o meu vestido de prenda.”



Figura 4 - Luíza – o que ser criança?

E, do outro lado da folha, desenhou: “eu e a Thais, um coração e o carro do meu pai.”



Figura 5 - Luíza - o que é ser criança?

Para compreender melhor as narrativas das crianças apresentadas anteriormente, é necessário retomarmos o conceito de geração, a partir do campo de estudos da Sociologia, a fim de obter uma análise adequada dos dados coletados. Dessa maneira, compreendemos a infância como uma categoria social do tipo geracional, de acordo com um sociólogo húngaro, Karl Mannheim (1993 [1928], apud SARMENTO, 2005, p. 4), para quem a geração consiste em um grupo de pessoas nascidas na mesma época, que vive os mesmos acontecimentos sociais durante sua formação e seu crescimento e partilha a mesma experiência histórica, sendo essa significativa para todo o grupo.

Hoje em dia, fragmentamos o tempo vivido, conforme Thais nos apresenta em sua descrição, estabelecendo diferenciação de idades e fases da vida. Nesse sentido, Ramos (2006, p.42) afirma que “criamos divisões arbitrárias e significamos identidades geracionais: infância, juventude, fase adulta e velhice. Em nossa sociedade ocidental, a identidade do adulto-jovem tende a se constituir e se fixar como legítima, como a fase ideal e mais positiva da vida”.

Sendo assim, representações são criadas e recriadas, fixando modos de ser jovem, prescrevendo modos de ser crianças e de viver a velhice.

Portanto, segundo Dornelles (2012, p.83),

[...] entende-se a criança como alguém que faz parte da sociedade, estabelecendo relações sociais, interagindo com seus pares e demais membros de seu contexto sociocultural, com um modo de pensar próprio. Dessa forma, a infância é entendida como um tempo geracional, um tempo de sentido, de acontecimento e experiência, em que a criança tem suas particularidades em relação a esses tempos e seus contextos.

5.3 O ESTAR COM OUTRO...

O grupo de crianças, composto por dois meninos, o César (5 a), o Nicolás (5 a) e a Júlia (5 a), reafirmam a ideia de que o brinquedo e a brincadeira produzem a cultura da infância, sendo o suporte da brincadeira, e, dessa maneira, constroem a cultura lúdica. Nicolás gosta de brincar de carrinho, como mostra seu desenho.

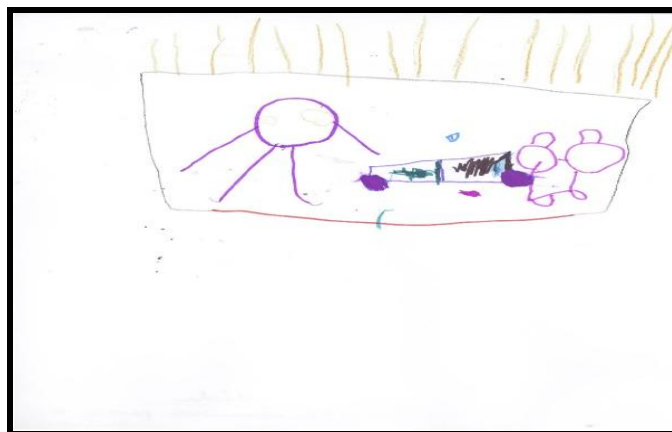


Figura 6 - Nicolás - Eu gosto de brincar de carrinho

Já para César, *ser criança* significa brincar de trabalhar com seu pai, como pode ser visto na sequência.

Pesquisadora: César, tu és criança?
 César: Sim. Eu brinco, trabalho com meu pai.
 Pesquisa: Do que tu trabalhas com teu pai?
 César: Eu faço física e eu peguei as ferramentas do meu pai, para consertar uma porta.
 Eu desenhei um caminhão.

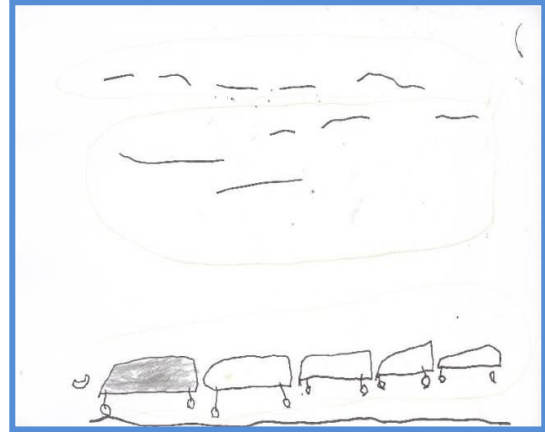


Figura 7 - César – o que é ser criança?

Júlia gosta de brincar de pega-pega, mas também de jogos de representação, como pode ser visto a seguir.

Júlia: E eu gosto de brincar de pega-pega.
 Eu desenhei eu brincando de mamãe e filhinha.
 Pesquisadora: Júlia, tu és criança?
 Júlia: Sim.

Pesquisadora: Como tu sabes?
 Júlia: silêncio.



Figura 8 - Júlia - o que é ser criança?

Para essas crianças, *ser criança* transita pelo brincar de carrinho, estar com o pai e trabalhar com ele, brincar de mamãe e filhinha e de pega-pega. Essas respostas corroboram Sarmiento (2011, p.53), quando afirma que “as crianças não reproduzem linearmente as formas percebidas que emanam desses contextos de socialização, interpretam-nas, ressignificam-nas e atribuem-lhes formas [...] próprias que advêm de seu olhar particular sobre o mundo”. Nesse contexto, é possível capturar o que Corsaro (2011) afirma quanto à importante mudança na vida das crianças fora e dentro do âmbito familiar, no sentido das relações e aprendizagens estabelecidas por elas, possibilitando o compartilhamento de experiências.

5.4 CULTURA LÚDICA

O cotidiano das crianças acontece por diversos e diferentes lugares onde se estabelecem interações constantes. Diante disso, o brincar faz parte da natureza da criança, sendo a infância e a ludicidade um binômio importante para a compreensão do universo infantil. Dessa relação, emerge a cultura lúdica como afirmação da própria cultura infantil. Na cultura lúdica, como salienta Brougère (2004), cruzam-se o papel das experiências vividas, a aprendizagem paulatina e progressiva ao longo da infância, a interação grupal, a interpretação e a aplicação de regras.

Para ilustrar o tema abordado anteriormente, apresento a produção de duas crianças gêmeas, Victória e João, ambos com 5 anos no momento da pesquisa. As crianças posicionaram-se como aponto nas anotações do diário de campo do dia 03/10/2013.

Pesquisadora: Hoje preciso saber de vocês o que é ser criança?

Silêncio...

João: Eu não me lembro.

Pesquisadora: Vocês são crianças?

João e Vic: A gente é.

Pesquisadora: Como sabem que vocês são crianças?

Vic: Tu tá vendo que eu sou mais alta que o João. Tu tá vendo que o João é mais baixinho.

Pesquisadora: O João é um pouco mais baixinho que tu?

Vic: É, e eu sou um pouco mais alta.

Pesquisadora: E eu?

João: Tu é um pouco mais alta.

Pesquisadora: E eu sou criança?

João: Não.

Pesquisadora: Por quê?

Vic: Porque tu é uma professora.

Pesquisadora: Ah! E não tem professora criança?

João e Vic: Não.

Vic: Eu tenho uma casinha, daí eu faço de conta que eu sou uma professora.

Daí brinco que meus alunos são minhas bonecas e o João.

Pesquisadora: João, tu és criança também?

João: Eu sou.

Pesquisadora: E o que tu gosta de fazer?

João: Brinca. Brincá de carrinho.

Vic: Ele brinca e quer ser uma menina.

João: Nãoooo. (risos)

Vic: É que, na brincadeira, ele diz que quer ser a menina, daí eu digo, João, tu é um guri, eu vou ser a menina e tu vai ser o rapaz. Brincamos com a caixa de brinquedo, na minha casinha que já tenho fogão, pia e geladeira.

Pesquisadora: E a mãe de vocês, ela é criança?

João: Não.

Pesquisadora: Por que não?

Vic: Porque ela é uma mãe, desse tamanho.

João: A minha mãe também é professora lá na Igreja.

Vic: Ela é professora da Escolinha Dominical.

Pesquisadora: Agora lembrei que vocês têm irmãos também, eles são crianças?

João: Não, eles são dandão!
 Pesquisadora: E, quando são grandões, são o quê?
 Vic: São manos.

Nessa conversação, destacaram-se vários temas, como: ser professora, indicando o pertencimento a uma categoria não infantil; a altura, como uma característica que pode definir ser criança ou não; o faz de conta como parte integrante do mundo infantil e as indagações quanto às questões de gênero.

Dornelles (2012, p.87) afirma que “o grande desafio de todos os que com crianças brincam é, portanto, o de continuar a desvendar a grande charada que é a que envolve todos os modos de produção do sujeito infantil que, historicamente, vem nos escapando.”

5.5 SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO

Após distribuir os materiais, solicitei que desenhassem o que para eles era ser criança. Segue transcrição do diário de campo do dia 03/10/2013.

João: Eu vou desenhar uma criança
 Vic: Eu sei desenhar uma criança.
 João: Eu também agora já sei.
 Vic: É só fazer uma cabeça e uns olhos.
 Vic: (cochichando) Eu vou fazer minha perereca
 Pesquisadora: Está bem, então a faz.
 João: Eu te ouvi dizendo que tu vai colocá a peleleca.
 Pesquisadora: Toda criança tem perereca?
 João: Risadas...
 Vic: Não, só as meninas, e os guris têm um titico.

A partir do excerto anterior, fica evidente o quanto as crianças, desde muito cedo, percebem as diferenças anatômicas e relacionais das pessoas, conforme seu sexo. Contudo, de acordo com Guizzo (apud FELIPE, GUIZZO, BECK 2013, p. 41),

embora ao nascermos sejamos classificados como pertencentes ao sexo feminino ou masculino, sendo-nos impostos determinados padrões de comportamento em função de nosso sexo biológico, sabemos que sempre é possível escapar das convenções sociais que nos são impostas. Comporta-se de acordo com os padrões esperados em determinada cultura ou sociedade, como menino (ser forte, viril, corajoso, etc.) ou como menina (sendo delicada, comportada, meiga, etc.) não é algo dado pela natureza, mas construído socialmente.

5.6 QUEM É PEQUENO TOMA MAMADEIRA, EU NÃO TOMO MAIS.

Vic: Tu sabia que o João toma mamadeira?
 Pesquisadora: O João tu toma mamadeira?
 João: Daí um dia, agora já cresci e não vou mais tomar.
 Pesquisadora: E as crianças tomam mamadeira?
 Vic: Não, só os bebés.
 Pesquisadora: Mas o João disse que toma?
 Vic: Não, ele é uma pessoa que nem um adulto, e nós não tomemos mais na mamadeira.



Figura 9 - João – o que é ser criança?

Nessa pequena transcrição, fica evidenciado como as crianças percebem que certos objetos utilizados pelas pessoas determinam a fase da vida e caracterizam determinada faixa etária, como é o caso da relação da mamadeira, utilizada por bebês. Rapidamente, João, que não é mais um “bebê”, diz que não toma mamadeira.

5.7 ENTRE UNHAS PINTADAS, MAQUILAGENS E BLUSH

Para as meninas, a maquiagem também é um instrumento que deve compor sua bolsinha, desde muito cedo... Como aponta o excerto que segue.

Vic: Olha eu, eu vou me maquiar, passar batom forte.
 Pesquisadora: E criança se maquia?
 Vic: Eu tenho uma maquiagem, bem fraquinha, forte para as crianças não.
 Pesquisadora: O que tu tá fazendo, Vic?
 Vic: Eu vou pintar mais forte meu batom
 Vic: Tá quase pronto, o meu demora muito.
 Pesquisadora: O que tu desenhastes?
 VIC: Eu tô com as unhas pintadas, batom, maquiagem e blush.
 Pesquisa: Então as crianças se maquam?
 Vic: Eu me maquio.
 Pesquisadora: Tu te maquia e quem te dá maquiagem?

Vic: Quando tinha a tia Rita, nós fomos numa loja, eu, João e mãe e o filho dela, e nós compramos um carrinho, não sei o que pro João e a maquiagem de bolsinha para mim.



Figura 10 - Victória – o que é ser criança?

Cabe salientar que representações e concepções são construções culturais que se fixam ao longo dos tempos. Conforme Guizzo (2013, p.41), “[...] o que é falado e mostrado na mídia, na escola, na família, auxilia, de forma ampla na constituição das identidades infantis”.

As questões relativas a embelezamento estão altamente difundidas no universo infantil, estando estreitamente relacionadas “à constituição de modos de ser feminina desde a mais tenra idade” (GUIZZO, 2013, p.39). Ainda conforme a autora,

[...] o que se articula com a ‘beleza’ articula-se, reiteradamente, a determinados padrões: branco, alto, magro, liso, jovem, malhado, rico – características essas tidas como sinônimo de belo e saudável. Tais aspectos têm sido largamente difundidos por personalidades (apresentadores infantis...) cujas imagens têm sido veiculadas de diferentes maneiras através da televisão, de revistas, de bonecas, etc.

Talvez por isso, desde muito cedo, as meninas almejem conquistar esse corpo tão divulgado nos meios sociais e culturais.

6 AO INVÉS DE CONCLUIR, CONTINUAR...

O foco desta pesquisa centrou-se na escuta da voz das crianças em busca da compreensão do que é ser criança, tendo em vista que são muitas as representações acerca dos infantis e, muitas vezes, somos incapazes de percebê-los. Escutar as crianças não é uma tarefa fácil, pois nos convoca ao campo das incertezas, a pensar de diferentes modos, a nos arriscarmos, colocando em suspenso o já, então sabido.

Busquei compreender como as crianças se narram, como dizem ser crianças, a partir de uma escuta sensível e de um aporte teórico da sociologia da infância, que possibilitasse ver também o “invisível”.

Compreender as crianças como atores sociais pertencentes a grupos sociais específicos (de gênero, classe social, etnia, idade, etc.), é o que a Sociologia da Infância nos convoca a pensar, ver e perceber, a criança compreendida como agente ativo que produz sua própria cultura e, simultaneamente, contribui com a produção cultural das sociedades adultas. O fato de entender a infância como categoria social, é compreendê-la como parte da sociedade, considerando-a como uma categoria geracional que nunca desaparece, mesmo que suas concepções variem historicamente.

Ouvir as crianças é legitimar a cultura da infância, ou seja, o jeito de pensar, sentir e estar das crianças possibilita ver a criança, não só como um vir a ser, um devir, a infância não só como uma fase da vida, mas a infância como um componente estrutural, que, de acordo com Sirota (2001), é entendida como singular, no sentido de que é estrutura social que atravessa todas as sociedades, sendo a criança considerada um ator ativo de seu processo de socialização.

A pesquisa com este grupo de 11 crianças, entre 4 e 5 anos, possibilitou confirmar as reflexões teóricas relativas ao campo estudado, uma vez que, em suas conversas e em seus desenhos, buscando responder a questão da pesquisa “como se dizem *ser crianças?*”, os grupos de crianças apresentaram aspectos importantes que confirmam a criança como narradora de sua história, dentro de um contexto histórico que será construído coletivamente.

A organização dos dados gerados possibilitou perceber caminhos teóricos para reflexão, ou seja, para analisar, a partir da perspectiva das crianças, suas ações, suas linguagens e as relações que estabelecem entre si e com suas culturas.

Pautada pelos aspectos observados no contexto da pesquisa, pude tecer algumas considerações que se constituem, neste momento, em afirmações possíveis, expressas em categorias, que estão altamente atravessadas pelas minhas escolhas e interpretações teóricas.

Sendo assim, finalizo ou dou início à reflexão, apresentando alguns itens com as principais hipóteses e considerações em relação à maneira como as crianças se dizem ser crianças, como se narram e quais as culturas que são apontadas em suas conversas.

☺ O pensamento da Sociologia da Infância inaugura uma nova forma de ver e perceber a infância, as crianças são atores sociais, enquanto a infância é compreendida como categorial social e geracional.

☺ Pensar as crianças, pensar a infância na contemporaneidade: sabe-se pouco sobre as crianças e suas culturas. Trata-se de investirmos em uma Pedagogia de escuta que trate o conhecimento como sendo uma construção, investindo em uma relação de troca.

☺ Crianças na contemporaneidade são capturadas pelo universo tecnológico e televisivo, somados à família e à escola, que contribuem na constituição de suas identidades infantis.

☺ Se acreditarmos que as crianças possuem suas próprias interpretações, seus próprios questionamentos e suas próprias culturas e que são protagonistas de seu processo de socialização, faz-se necessário considerar seriamente o que dizem e o que pensam, possibilitando que todas as vozes falem e ecoem.

☺ A cultura infância é construída a partir das relações, das aprendizagens e do compartilhamento de experiências, que interpretam e ressignificam, estabelecendo um novo sentido para o vivido.

☺ A cultura lúdica como afirmação da própria cultura infantil.

Nessa perspectiva, reafirmo o que teoricamente os autores que tratam das culturas da infância enunciam, ou seja, que as culturas infantis se manifestaram também nesta investigação, naquilo que afirma Sarmiento (2004), quando nos chama a atenção para os quatro eixos estruturantes da cultura infantil, ou seja, que ela se manifesta nas brincadeiras das crianças por meio da interatividade, da ludicidade, da fantasia do real e da reiteração. Assim, nesta pesquisa, que tratou de uma investigação com crianças, pode-se perceber que elas têm muito a nos dizer sobre o que é ser criança na contemporaneidade, ou seja, do modo como elas se veem: “adulto ou adolescente...” “A profe não é criança, porque ela é grande, e tu, também não é criança.”

Estar imersa na situação de investigação com as crianças só foi possível, a partir do momento em que passei a pensar nas crianças, a pensar na infância, o que é pensar também em um grupo social, com um conjunto de direitos reconhecidos no campo dos princípios, apesar de sua escassa aplicabilidade ao cotidiano de muitas crianças, para as quais o desenvolvimento de esforços, que assegurem sua participação, é essencial, uma vez que a participação infantil ainda se faz necessário como modo de fazer emergir as vozes das crianças em nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas Escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 out. 2013. Só encontrei Barbosa 2005 no trabalho.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In KISHIMOTO, Tizuko. **Brincar e suas Teorias**. S. Paulo: Pioneira, 1998. p. 19-32.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda; ALMEIDA, Ana Maria (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez: 2009. (P.31- 50)

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: Silvia Helena Vieira Cruz (Org). **A criança fala: a escuta da criança em pesquisas**. São Paulo: Cortez: 2008.

DEMARTINI, Patricia. **Contribuições da sociologia da infância: focando o olhar**. Texto apresentado no Seminário Especial de Sociologia da Infância, UFSC, Florianópolis, 2001.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, Pesquisa e Relatos Orais. In: **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. FARIA, Ana Lúcia G. de; Demartini Zeila de Brito F.; PRADO, Patrícia D. (orgs). São Paulo: Autores Associados, 2002. p. 1-17.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

DORNELLES, Leni Vieira. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, Carmem. M.; KAERCHER, Gladis. E. P. S. (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 101-108. Confere as datas pois encontrei 2005, 2012 e 2013 citado apenas como Dornelles

DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs). **Educação e infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012. 160p.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natália. **Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras**. Editor Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga/2012. E-book.

DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patricia de Moraes. **Sobre a produção dos infantis e os (im) pensáveis percursos da pesquisa com crianças**. 2013(No prelo).

ESTATUTO DA CRIANÇA E DA ADOLESCÊNCIA. 1990.

FARIA, Ana Lucia Goulart; FINCO Daniela (orgs). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 102)

FELIPE, Jane, GUIZZO, Bianca Salazar, QUESADA, Dinah. **Infâncias, Gênero e Sexualidade: nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JORDÃO, Patricia. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v.4, n, 01, 2004. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br>>. Acesso em: 19 out. 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veiga- Neto. Porto Alegre: Contrabando, 2002 .

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **I Seminário Internacional de Educação de Campinas**, em julho 2001. Campinas, 2001. Disponível em: <www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19-04-jorge-larrosa-bondia.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.

MULLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n.95, p.553-573, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

MOMO, Mariângela. Mídia, consumo e os desafios de educar uma infância pós-moderna. In: DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs). **Educação e infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012. (29- 49)

MOYLES, Janet R. et al. **A excelência do brincar**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NASCIMENTO. Maria Leticia Barros Pedrosa. Reconhecimento da Sociologia da infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. In: **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 102)

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel. J. (Org.). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando campos. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel. J. **As crianças: contexto e identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma Sociologia da Infância**: contribuições para o debate. Florianópolis: Perspectiva, 2002.

RAMOS. Anne Carolina. **Cultura Infantil e Envelhecimento o que as crianças têm a dizer sobre a velhice?** Um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto. As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância. Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em: <www.titosenafaed.udesc.br/arquivo/artigosinfancia>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SARMENTO, Manuel J. **As culturas da infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. 2004. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/cedic/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em: 23 set. 2013.

SARMENTO, Manuel J. Geração e Alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Centro de Estudos Educação e Sociedade**. Campinas, v. 29, n. 91, p 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 13 out. 2013.

SARMENTO, Manuel J.. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni (org.). **Produzindo Pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (19-40)

SARMENTO, Manuel J.. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patricia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da Infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (27- 60)

SILVA, Juliana P.; BARBOSA, Silvia Neli F.; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 79-101.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 112, mar. 2001.

SIROTA, Régine. As delicias de aniversário: uma representação da infância. Trad. De Rosária Cristina Costa Ribeiro. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.2, n.2, p. 32-59, nov. 2008. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 02/09/2013.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina Almeida **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças**. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2004. Disponível em: <www.cedic.iec.uminho.pt>. Acesso em: 18 out. 2013.

TREVISAN, Gabriela de Pina. Amor e afectos entre crianças: a construção social de sentimentos na interação de pares. In: DORNELLES, Leni Vieira (Org.). **Produzindo Pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ, 2007. (41- 70)

VEIGA–NETO, Alfredo José da. As idades do corpo: (material) idades, (divers)idade, (corporal)idades, (ident)idade... In: **Seminário Internacional de reestruturação curricular: utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PROFESSORA E ESCOLA



Termo de Consentimento Informado

Aos cuidados da

Prof^a. Adriana de Lima e Equipe Diretiva da Escola de Educação Infantil João de Barro

Apresentação do estudo:

A presente pesquisa tem por objetivos identificar e analisar como as crianças conceituam o ser criança, bem como realizar pesquisa com crianças, capturando as vozes, perspectivas e os significados de mundo que aparecem em suas narrativas e contribuir com a ampliação do campo de conhecimento relativo à produção da infância na Educação Infantil. Eu, Luciane Varisco Focesi, venho por meio deste, solicitar autorização à escola para realizar a pesquisa para o curso de Pós-Graduação em Docência em Educação Infantil, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob a orientação da professora Dra. Leni Vieira Dornelles na Escola de Educação Infantil João de Barro. A escolha pela temática e pela escola justifica-se pela necessidade de atentarmos para o que dizem as crianças, para, a partir daí, refletirmos sobre as possibilidades para significar as práticas cotidianas da instituição de educação infantil. A escolha da Escola justifica-se pelo carinho que tenho pela comunidade em que ela está inserida e pelo entendimento que a escola possui, tendo como princípio ser uma instituição que respeita o protagonismo infantil. O foco deste estudo é investigar, na perspectiva da criança, os conceitos de infância, criança, culturas infantis e escuta sensível.

Ao observar que educação das crianças tem passado por significativas mudanças ao longo dos últimos séculos, entende-se que a educação da infância pouco escuta as crianças, pois o que se diz sobre elas, sobre o que gostam e o que compreendem das coisas do mundo, muitas vezes, logo é esquecido. O que as crianças pensam que é “ser” criança? Como se dizem criança? Como se narram? Quais culturas são apontadas em suas conversas?

Buscando responder a essas questões, a pesquisa volta-se para *ouvir as crianças* no que pensam sobre *ser crianças*. A partir daí, pode-se refletir sobre as possibilidades e os limites que são apresentados por elas.

É por acreditar na importância desta pesquisa que pretendo dar visibilidade às experiências que se dão no acontecimento de muitas infâncias que se encontram ali.

Sobre a participação das crianças na pesquisa:

1) Sobre as entrevistas:

- As crianças participarão da pesquisa por meio de entrevistas em pequenos grupos (trios), que ocorrerão durante o turno escolar, na própria escola.
- Os grupos serão organizados com crianças com 4 e 5 anos.
- Cada grupo de crianças será retirado da turma *uma vez por semana* por cerca de 40-50 minutos para participar da entrevista. Serão ao todo três encontros para cada grupo, totalizando três semanas de entrevistas. Optamos por entrevistas mais curtas, em grupos e divididas em diferentes momentos para não cansar as crianças e atrapalhar o mínimo possível o andamento da aula.
- As entrevistas ocorrerão em momentos combinados com a professora, não comprometendo as propostas do grupo.
- As entrevistas serão gravadas e serão posteriormente transcritas. Durante os encontros, as crianças desenvolverão atividades envolvendo a fala, desenhos e fotografias (que não incluirão a imagem de pessoas ou das próprias crianças) que farão parte do material de análise do trabalho de conclusão.
- Os tópicos a serem discutidos durante as entrevistas são os seguintes: os significados de ser crianças, a idade das crianças no grupo, conceitualização de ser criança, o que diferencia o ser criança de outras pessoas,
- Esta pesquisa ainda envolve a realização de duas atividades a serem desenvolvidas na escola: um desenho e diálogo sobre o mesmo e análise de banco de imagens.

2) Sobre os cuidados éticos:

- Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes verdadeiros dos participantes (crianças) em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito (incluindo a ação da especialização) que venha a ser publicado.
- As crianças também receberão o “Termo de Consentimento Informado da Criança”, que será devidamente esclarecido pela pesquisadora, de modo que compreendam seus direitos de participante.

-A participação nesta pesquisa não oferece nenhum risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Se, no decorrer da pesquisa, a criança participante resolver não mais continuar, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer dano.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a pedagoga Luciane Varisco Focesi sob a supervisão da professora Dr^a Leni Vieira Dornelles (UFRGS).

Como pesquisadora, comprometo-me a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou atender qualquer necessidade de esclarecimento que eventualmente o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, por meio do telefone (51) 99738558 ou do e-mail lucianevarisco@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e de terem sido esclarecidas de todas as dúvidas, autorizamos a realização da presente pesquisa.

.....
(Assinatura da Diretora da EMEI)

.....
(Assinatura da Coordenadora Pedagógica da EMEI)

.....
(Assinatura da Professora da Turma)

.....
(Assinatura da pesquisadora)

.....
(Assinatura da Profa. Dr. Leni Vieira Dornelles)

Porto Alegre, de de 2013.

Desde já agradecemos.
Luciane Varisco Focesi
Dra. Leni Vieira Dornelles

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA CRIANÇA



Termo de Consentimento Informado da Criança

Este papel de nome estranho – “Termo de Consentimento Informado da Criança” – é, na verdade, um papel que explica o que vamos fazer durante esta pesquisa e quais são teus direitos de participante.

Depois de lermos juntos, tu poderás levá-lo para casa e mostrá-lo para teus pais ou para um responsável antes de assiná-lo e dizer que tu queres participar e me ajudar neste trabalho.

Mas não fica preocupado/a, tu também podes mudar de ideia a qualquer momento e desistir das entrevistas, ok?

O que será feito?



- A gente vai se encontrar uma vez por algumas semanas para fazer algumas brincadeiras em grupo ou entrevistas. Tu não estarás sozinho. Seremos eu, tu e mais dois colegas da tua sala.
- Nós ficaremos em uma sala separada ou em algum lugar da sala ou do pátio.
- Enquanto estivermos conversando, eu vou gravar nossa conversa para depois poder ouvir novamente o que falamos.
- Durante a entrevista e as brincadeiras, faremos atividades de conversar, desenhar, brincar com bonecos e fotografar.
- Nós vamos nos encontrar três vezes.
- Caso tu não queiras fazer alguma das atividades, tu poderás não fazê-la.
- Caso tu não gostes dos encontros, tu poderás deixar de vir.
- Tudo aquilo que a gente fizer nos encontros vai ser guardado por mim de forma bastante segura.
- As tuas falas, teus desenhos e tuas fotografias vão ser utilizados na pesquisa. Mas eu não vou usar teu nome real. Nas pesquisas, a gente costuma inventar um nome diferente para ninguém nos reconhecer. Mas tu vais poder reconhecer teus próprios trabalhos.
- Eu não vou falar com ninguém que tu conheças sobre o que tu me falares na entrevista ou nas brincadeiras.
- Nas entrevistas, não existem respostas certas ou erradas e as atividades que tu fizeres não serão corrigidas. Não sou eu quem vou te ensinar, mas és tu quem vais me ensinar



sobre as coisas que tu sabes acerca de tua convivência com teus colegas nas atividades e brincadeiras com bonecos diferentes.

Depois de ter lido e entendido o que vai ser feito nesta pesquisa, eu,

..... (teu nome completo) aceito participar.

Porto Alegre, de de 2013.

ANEXO C- TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO ÀS FAMÍLIAS

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Aos cuidados da _____

Apresentação do estudo:

A presente pesquisa tem por objetivos identificar e analisar como as crianças conceituam o ser criança, bem como realizar pesquisa com crianças, capturando as vozes, perspectivas e os significados de mundo que aparecem em suas narrativas e contribuir com a ampliação do campo de conhecimento relativo à produção da infância na Educação Infantil. Eu, Luciane Varisco Focesi, venho, por meio deste, solicitar autorização à escola para realizar a pesquisa referente ao curso de Pós-Graduação em Docência em Educação Infantil, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob a orientação da professora Dra. Leni Vieira Dornelles na Escola de Educação Infantil João de Barro. A escolha pela temática e pela escola justifica-se pela necessidade de atentarmos para o que dizem as crianças, para, a partir daí refletirmos sobre as possibilidades para significar as práticas cotidianas da instituição de educação infantil. A escolha desta Escola justifica-se pelo carinho que tenho pela comunidade em que ela está inserida e pelo entendimento que a escola possui, tendo como princípio ser uma instituição que respeita o protagonismo infantil. O foco deste estudo é investigar, na perspectiva da criança, conceitos de infância, criança, culturas infantis e escuta sensível.

Ao observar que educação das crianças tem passado por significativas mudanças ao longo dos últimos séculos, entende-se que a educação da infância pouco escuta as crianças, pois o que se diz sobre elas, sobre o que gostam e o que compreendem das coisas do mundo, muitas vezes, logo é esquecido. O que as crianças pensam que é “ser” criança? Como se dizem criança? Como se narram? Quais culturas são apontadas em suas conversas?

Buscando responder a essas questões, a pesquisa volta-se para *ouvir as crianças* no que pensam sobre *ser crianças*. A partir daí, pode-se refletir sobre as possibilidades e os limites que por elas são apresentados.

É por acreditar na importância desta pesquisa que pretendo dar visibilidade às experiências que se dão no acontecimento de muitas infâncias que se encontram ali.

Sobre a participação das crianças na pesquisa:

1) Sobre as entrevistas:

- As crianças participarão da pesquisa por meio de entrevistas em pequenos grupos (trios), que ocorrerão durante o turno escolar, na própria escola.
- Os grupos serão organizados com crianças entre 4 e 5 anos.
- Cada grupo de crianças será retirado da turma *uma vez por semana* por cerca de 40-50 minutos para participar da entrevista. Serão ao todo três encontros para cada grupo, totalizando três semanas de entrevistas. Optamos por entrevistas mais curtas, em grupos e divididas em diferentes momentos para não cansar as crianças e atrapalhar o mínimo possível o andamento da aula.
- As entrevistas ocorrerão em momentos combinados com a professora, não comprometendo as propostas do grupo.
- As entrevistas serão gravadas e serão posteriormente transcritas. Durante os encontros, as crianças desenvolverão atividades envolvendo a fala, desenhos e fotografias (que não incluirão a imagem de pessoas ou das próprias crianças), que farão parte do material de análise do trabalho de conclusão.
- Os tópicos a serem discutidos durante as entrevistas são os seguintes: os significados de ser crianças, a idade das crianças no grupo, conceitualização de ser criança, o que diferencia o ser criança de outras pessoas.
- Esta pesquisa ainda envolve a realização de duas atividades a serem desenvolvidas na escola: um desenho e um diálogo sobre o mesmo e análise de banco de imagens.

2) Sobre os cuidados éticos:

- Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes verdadeiros dos participantes (crianças) em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito (incluindo a ação da especialização) que venha a ser publicado.
- As crianças também receberão o “Termo de Consentimento Informado da Criança”, que será devidamente esclarecido pela pesquisadora, de modo que os participantes compreendam seus direitos.
- A participação nesta pesquisa não oferece nenhum risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Se, no decorrer da pesquisa, a criança participante resolver não mais continuar, terá toda a liberdade de desistir, sem que isso lhe acarrete qualquer dano.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a pedagoga Luciane Varisco Focesi e juntamente com a professora Dr^a Leni Vieira Dornelles (UFRGS).

Como pesquisadora, comprometo-me a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou atender qualquer necessidade de esclarecimento que eventualmente o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, por meio do telefone (51) 99738558 ou do e-mail lucianevarisco@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e de terem sido esclarecidas todas as dúvidas eu,

.....
(nome legível de um responsável)

autorizo (nome legível da criança) a participar desta pesquisa.

.....
(Assinatura do responsável)

.....
(Assinatura da pesquisadora)

.....
(Assinatura da Profa. Dr. Leni Vieira Dornelles)

Porto Alegre, de de 2013.

Desde já agradecemos.
Luciane Varisco Focesi
Dra. Leni Vieira Dornelles